

Palácio dos Marqueses de Fronteira

RECUPERAÇÃO E RESTAURO DAS ALAS SUL E NASCENTE
(SALA DAS BATALHAS, ESCADARIA NOBRE, BIBLIOTECA
CAPELA E TORRINHA SUL)



Aspecto geral da fachada fronteira ao Jardim Grande.

As obras de recuperação e restauro da responsabilidade da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, decorreram em sintonia com a Fundação das Casas de Fronteira e Alorna. Assim, apresentou-se uma metodologia com carácter flexível, que procurou obter junto da Fundação¹ a sua opinião, face à sensibilidade e experiência adquirida em intervenções anteriores², no sentido de se evitar discontinuidades não só no(s) método(s) como também nos materiais e opções de carácter ético.

Pretendeu-se que todas as intervenções tivessem um carácter "ligeiro", reversível e respeitador das técnicas e materiais em presença, pelo que foram hierarquizadas, iniciando-se as obras pela cobertura da Sala das Batalhas, seguindo-se as coberturas das escadas, da Biblioteca da Torrinhinha Sul da Capela e por último o Pombal e o Torreão Nascente do Pátio de Entrada.

A globalidade das coberturas é constituída basicamente por toros de madeira, na sua maioria castanho, e por um forro de pranchas pregadas onde assentavam as telhas. Na parte inferior encontra-se a fixação da segunda armação, para suporte dos tectos de gesso. O conjunto é constituído por várias linhas de toros, pregados à base de um frechal contínuo em madeira, apoiado nas paredes mestras, enquanto que no topo, a cerca de um metro de terminarem, surgem os travamentos transversais do tipo "tesoura". Esta armação será reveladora de uma Arquitectura

Chã que terá surgido a partir do século XVI, e que durante séculos caracterizou as nossas Quintas de Recreio e Palácios Urbanos. Alguns destes telhados múltiplos remetem-nos para as coberturas orientais (principalmente da antiga Índia Portuguesa), de onde terão vindo os conhecidos Telhados de Tesouro ou Tesoura muito comuns em Tavira, Faro e ainda visíveis em outras situações pontuais no Continente. Estes terão influenciado a nossa arquitectura erudita vernácula, e mesmo popular. Nalgumas cidades dos Açores e Madeira são ainda visíveis, bem como em quase todas as cidades ribeirinhas históricas de África, por onde passaram e se fixaram os Portugueses. Serve este breve testemunho para reforçar o grande cuidado que se teve na intervenção física dos telhados, como também em assegurar a manutenção da sua "alma maior".

A resolução técnica passou fundamentalmente pela recuperação integral da armação primitiva, evitando-se retirar toros, mesmo os mais deteriorados. Para tal foram limpos, aspirados e desparasitados. Toda a fissuração da madeira foi então refechada com uma composição, cuja base aglutinante é a cola branca e a serradura de madeira idêntica. Após secagem verifica-se a uniformização da configuração da peça, garantindo-se a rigidez nas partes debilitadas. Para conferir estabilidade à armação foram introduzidas pranchas de madeira seleccionada e tratada em autoclave, aparafusadas no sentido transversal (optou-se por furação manual para evitar qualquer tipo de vibração que poderia pôr em risco os estuques do tecto). Finalmente, toda a armação teve um acabamento

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Identificação: Quinta dos Marqueses de Fronteira
Localização: Lisboa, São Domingos de Benfica
Protecção: MN, Dec. nº 28/82, DR 47 de 26 de Fevereiro 1982

Utilização: Habitação e Sede da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna

Enquadramento: Arredores de Lisboa, numa encosta arborizada da serra de Monsanto. Situa-se no terço médio da encosta exposta a Norte, numa acolhedora dobra.

A proximidade dos edifícios, cujas cercas são mais altas que o topo dos outeiros, destrói os planos enquadramentos da paisagem envolvente. Na mesma encosta, e no mesmo terço, localiza-se o Convento de São Domingos de Benfica e a Quinta de Devisme. (in Ficha de Inventário do Património Arquitectónico da D.G.E.M.N.)

Bibliografia: NEVES, José Cassiano, *Jardim e Palácio dos Marqueses de Fronteira*, Lisboa - CML, 1954; CARITA, Helder, CARDOSO, Homem, *Tratado de Graniliza dos Jardins em Portugal ou da originalidade e desaire dessa arte*, Lisboa, 1987; GIL, Júlio, *Os Mais Belos Palácios de Portugal*, Lisboa, 1992 (pp. 222-229); RIBEIRO, Luís Paulo Almeida Faria, *Quintas do Concelho de Lisboa - Inventário, Caracterização e Salvaguarda*, Lisboa - UTL ISA, 1992; RODRIGUES, Jacinto, *Arte, Natureza e a Cidade*, 1993 (pp. 34); MATEUS, João, *A Quinta de Recreio dos Marqueses de Fronteira, um Jardim Português*, Évora - UE, 1995, Revista Monumentos, nº 7, Setembro de 1997, da D.G.E.M.N.

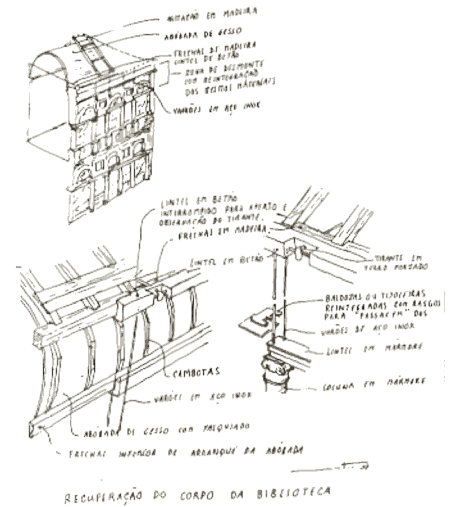
com um verniz ignífugo, retardador da transmissão de qualquer fonte térmica.

Por baixo desta armação e interdependente, encontra-se a armação do tecto de gesso, constituída por “cambotas” em madeira, onde o fasquiado é pregado. Esta segunda “armação” encontrava-se em elevado grau de desagregação devido ao apodrecimento do fasquiado. Depois de se retirarem os detritos acumulados durante anos, foi aspirado com todo o cuidado nas zonas do fasquiado, iniciando-se a consolidação do tecto de gesso. Após uma malha de furos de 2 mm, a partir da face interior do tecto (Sala das Batalhas), foram introduzidos arames de cobre, que fixaram o gesso solto ao fasquiado. Por sua vez, superiormente (no forro do telhado) e após a fixação do arame, foram executadas “linhadas” (gesso e pita) de consolidação de todo o fasquiado, cujo resultado representa uma espécie de “armação leve” altamente agregadora e consolidante. Toda esta operação decorreu com o maior dos cuidados demorando o “tempo de restauro”, o que equivale a dizer um tempo medido pelo trabalho artesanal, e ditado também pelo comportamento dos materiais em presença.

Paralelamente a esta delicada intervenção, decorreram os trabalhos de

consolidação lateral e superior das paredes estruturais da Sala das Batalhas. Face à existência de uma “Proposta para a Recuperação Estrutural das Coberturas e Paredes em Alvenaria de Pedra”³, e após o desmonte do telhado e avaliação da situação existente, propôs-se “aligeirar” a intervenção prevista, naquela proposta, uma vez reconhecido o seu desajustamento, face à observação local. Neste sentido, apenas se implantou um lintel superior, redimensionado, onde se apoiou uma nova armação metálica, sobre a antiga de madeira, a qual se manteve como suporte da “armação” do tecto de gesso. Esta nova armação acompanha a antiga, a escassos centímetros, de modo a assegurar o mesmo geometrismo. Sobre esta foram aparafusadas chapas metálicas, tornando estanque toda a zona da cobertura. Finalmente colocou-se a telha pré-existente, depois de lavada e tratada. A telha de coberta antiga manteve-se, enquanto que o canal foi novo. Todo o telhado foi aramado e argamassado, conferindo à cobertura o aspecto tradicional.

A Sala da Biblioteca constituiu em toda a intervenção o ponto mais delicado. Por um lado, pelo estado de colapso em que se encontrava, por outro, por se levantarem sérios problemas do ponto de vista da ética de intervenção, em termos de recuperação e restauro. Optou-se por desmontar parte da fachada (Nascente), que se encontrava já escorada face ao assustador desaprumo. Iniciaram-se os trabalhos pelo escoramento interno do pavimento do 1º piso, e da falsa abóbada de gesso, seguindo-se o levantamento da telha e a delicada suspensão da armação de madeira.



Todo o conjunto foi então desenhado e fotografado, tendo-se retirado moldes da cornija, frisos, aros e restantes elementos compósitos da fachada, incluindo arcos e janelas. Finalmente iniciaram-se os trabalhos de desmonte da parede, com o cuidado de seleccionar os elementos cerâmicos para poderem ser reintegrados na reconstrução da fachada. O desmonte terminou nos lintéis de mármore sobre as colunas do 1º piso (digamos que se apeou apenas o entablamento), a reconstrução iniciou-se com o “reaprumar” do conjunto das colunas, seguindo-se a fixação na vertical aos lintéis de mármore de varões de aço inox, com o intuito de estes, por sua vez, se fixarem ao lintel da cornija, contribuindo para a verticalidade e a estabilidade da parede. Durante estes trabalhos, decorreu a recuperação da armação de madeira da cobertura, que apresentava sinais de acentuada deterioração, verificando-se o apodrecimento do frechal em madeira. Este, devido à permanente infiltração das águas pluviais, quase desaparecera, desligando-se dos



Sala das Batalhas, fasquiado de suporte dos tectos de gesso.

tirantes de ferro forjado, que tinham deixado de cumprir a sua função absorvente dos impulsos laterais da(s) parede(s) nascente (e poente). Com a armação suspensa foi possível consolidar o que restava do lintel. Para tal utilizou-se a mesma técnica das outras coberturas, respectivamente refechando frestas e zonas de apodrecimento (depois de desparasitadas e limpas). Também as “cambotas” em madeira da falsa abóbada se encontravam muito danificadas. Mesmo assim, optou-se pela sua manutenção depois de devidamente tratadas, integrando peças novas, construídas

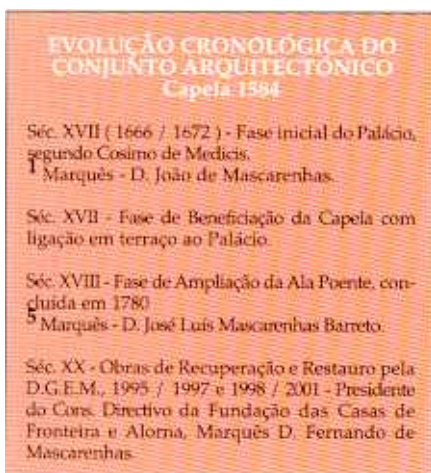
Após a consolidação da armação de madeira, iniciou-se a reconstrução da parede. Foram implantados os moldes das janelas e arcos, e em seu redor elevou-se a parede. Por se ter verificado a existência de uma gordura na composição da argamassa antiga, optou-se por uma argamassa à base de cal (cal viva apagada em obra), areia e sebo de carneiro (na proporção de duas de cal, quatro de areia do rio, duas de areia amarela e 10% do peso deste composto em sebo de carneiro, mais água q. b.). Esta opção teve como suporte outras aplicações já testadas em situações idênticas e com resultados positivos. Ao se atingir o nível do arranque da falsa abóbada fundiu-se um primeiro lintel em betão ao muito empenado e danificado lintel de madeira, que serve de suporte às cambotas, prosseguindo-se a elevação da parede até à cornija e respectivo apoio do frechal da armação de madeira. De novo se colocou novo lintel em betão que se procurou integrar na estreitíssima parede exterior (25 cm). Após o reboco, de cal e areia, correram-se os moldes de frisos e cornija repondo a anterior leitura do conjunto.

Decorrido o tempo de secagem da parede e dos lintéis, apeou-se de novo a armação do telhado, iniciando-se os trabalhos de colocação da sub-telha e da telha. Finalmente procedeu-se à pintura exterior do conjunto, após se terem feito várias experiências, a partir da mesma base cromática. A tinta de cal utilizada é composta de cal, alvaiade, leite gordo e pigmento (roxo rei), tendo sido incorporado um fixador, com a seguinte composição: 5 kg de cal apagada, 5 l de água, 1/2 l de leite gordo, 1 l de emulsão acrílica. A pigmentação cor-de-rosa foi preparada

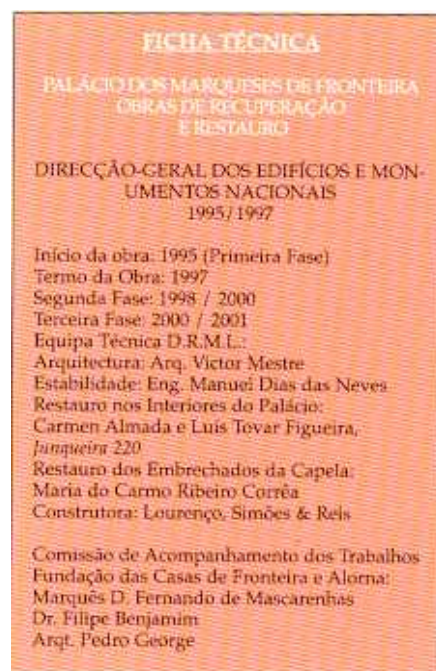
através da mistura da cal com os pigmentos roxo rei e alvaiade, em sucessivas experiências com proporções devidamente anotadas até se obter o tom pretendido.

Esta intervenção resulta na recuperação e restauro integral das coberturas, tetos, paredes (interiores e exteriores) e caixilharias, assim como no decorrer destas obras se procedeu à operação de conservação e restauro de todos os elementos artísticos dos interiores, como sejam as pinturas a fresco, escaiolas e cantarias⁴. Também se procedeu a obras de restauro da Capela com especial cuidado na fachada principal cuja delicada cerliana e respectivo frontão se encontravam em colapso⁵.

A flexibilidade da proposta, permitiu encontrar a cada passo uma solução compatível com respeito estrutural e estético do conjunto, atendendo do mesmo modo a problemas de



artesanamente com o mesmo tipo de madeira, e implantadas lado a lado com as pré-existentes. Esta atitude norteou praticamente toda a intervenção, ou seja, mesmo quando determinados elementos estruturais se apresentaram deteriorados, com empeno ou com aspecto muito envelhecido, foram mantidos e respeitados e se possível mantendo a sua função ancestral ou, na impossibilidade, associando-se a uma nova peça, de modo a manterem-se parcialmente “activos”.



somenos importância. A recuperação e restauro esteve assim permanentemente “vigiada” em termos de ética de intervenção, com o propósito de se manterem as características do lugar e do imóvel, aceitando inclusivamente o seu envelhecimento natural como um sinal maior da perenidade deste valioso conjunto arquitectónico. |

1 A Comissão de acompanhamento dos trabalhos por parte da Fundação é constituída por:

Sr. Marquês Dom Fernando de Mascarenhas, Dr. Filipe Benjamim, Arq. Pedro Jorge e Eng. Miguel Tavares.

Por parte da D. G. E. M. N., Arq. Victor Mestre e Eng. Manuel Dias das Neves

2 Durante uma década o Mestre Arq. Frederico George dirigiu importantes Obras de Conservação e Restauro.

3 “Proposta para a Recuperação Estrutural das Coberturas e Paredes em Alvenaria de Pedra”, da responsabilidade de A. C. E.

4 Esta intervenção foi da responsabilidade da empresa de restauro *Junqueira 220*.

5 Os trabalhos de restauro dos embrechados foram da responsabilidade de Maria do Carmo Ribeiro Corrêa, Técnica de Restauro.

*Arquitecto



Estamos a melhorar Grândola



REQUALIFICAÇÃO URBANA da VILA de GRÂNDOLA
projecto - Aires Mateus, Arquitectos Associados



Praça Dom Nuno Álvares Pereira 7200 Monsaraz Tel: 266 550120